

INTRODUÇÃO



Figura 1: *Mãos que fazem germinar.* Sara Oliveira. Colagem digital, 2021

Introdução

Lo que buscamos es repolitizar la cotidianidad, sea desde la cocina, del trabajo o de la huerta (...) Articular el trabajo manual con el trabajo intelectual, producir pensamiento a partir de lo cotidiano.
(Silvia Rivera Cusicanqui, 2019:1; traducción nuestra)

O presente dossiê desponta do mal-estar e da alegria, alimentados ambos pela curiosidade feminista (Enloe, 2004) e pela busca de propostas epistemológicas alternativas e críticas ao que se considera pensamento latino-americano. Mal-estar por conta da aparente escassez – na verdade uma miopia persistente dos diferentes campos do conhecimento diante das contribuições femininas – dos escritos de autoras latino-americanas que reflatam sobre a Nossa América – incluindo os territórios geopolíticos de fala hispânica, luso e de diversas línguas indígenas – no registro dos cânones metodológicos que dominam a academia. Essa escassez se encontra associada à falta de conexão entre tais escritos, pela múltipla ausência de traduções entre nossas línguas e de nossos mecanismos de visibilização e de difusão em contextos afetados pela colonização do saber e do poder.

A alegria, por sua vez, se vê motivada por nossa esperança e desejo de contribuir, por meio dos diálogos suscitados no processo de organização deste dossiê, para a discussão sobre a produção do conhecimento e intervenção das mulheres em e sobre a América Latina/Nossa América/Abya Yala. Propomos então alocar a epistemologia em um lugar diferente, situá-la na vida e nos projetos de mulheres; as quais convidamos a refletir sobre o seu pensamento encarnado e em um território habitado, com tudo o que isso pode implicar em termos interseccionais, e que o façam tendo em mente outras mulheres e suas produções – ou seja, que desenhem sua própria genealogia para encarnar e habitar o seu tempo e espaço, traduzindo-os em um pensamento próprio. Para tanto, nos inspiramos nas propostas de pensamentos habitados (Belli, 1988), de epistemologias encarnadas (Lugones, 2008; Esteban, 2008; Espinosa Miñoso, 2014) e/ou *abigarradas* (Rivera Cusicanqui, 2019), que questionam o cânone do pensamento latino-americano clássico/hegemônico a partir de abordagens emergentes e irreverentes. Queremos, com isso conhecer, as tramas genealógicas de seu pensamento, para ir além de visualizá-las, e então propor conexões que habilitem uma nova rede de significados aberta às e aos leitoras deste dossiê, cuja pretensão é que seja o começo – e talvez a continuação – de um encontrarmos e articularmos desde o Sul.

Diante disso, ao nosso ver, outro não poderia ser o modo de apresentar as páginas vindouras que não seja escrevendo também a partir de nossas próprias vivências, enquanto docentes, feministas e mulheres latino-americanas. Escrevendo a partir de 3 pares de mãos e de dois idiomas, de modo misturado e conjunto: tomando nossas vidas e nossas inspirações teóricas. Por isso, as páginas que se seguem podem mais parecer uma colcha de retalhos do que um texto com começo-meio-fim, pois busca mais a pluralidade do que a homogeneidade, compactuando assim com uma epistemologia pluralista e descanonizada.

Por Rosamaria Carneiro¹

Ao organizar a edição da disciplina *Pensamento Social Latino-Americano II*, para o primeiro semestre de 2019, dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas, que sedia esta Revista na Universidade de Brasília (UnB), investiguei propostas de cursos semelhantes pelo Brasil afora. Nas ementas que me chegaram quase nada encontrei escrito por mulheres ou que pautasse as singularidades de sermos mulheres latino-americanas dentro do grupo que pensa o contexto latino-americano. O cânone era muito masculino e quase nada biográfico. As publicações pouco discorriam sobre as experiências pessoais das latino-americanas, mas se dedicavam a pautar questões macrossociais como economia, política e relações intraestatais, entre tantos outros.

Na época, optei por conceber um curso todo lastreado por produções femininas e feministas. Escavando, por isso, nas Ciências Sociais de maneira geral produções mais contemporâneas sobre o debate. Ao me dedicar a tal tarefa, percebi claramente que as mulheres latino-americanas produzem sim o seu próprio pensamento e falam por meio de muitos registros idiomáticos, tais como: a literatura, a poesia, a pintura e o cinema, entre outros. Essas fontes de conhecimento me apresentam muito do que as mulheres pensam sobre as Américas e sobre suas experiências enquanto centro e latino-americanas. Mas dei-me conta, de igual modo, do quanto no Brasil conhecemos e estudamos pouco os escritos de outras mulheres centro e latino-americanas.

Iniciamos a disciplina com *La mujer habitada* (1988), da nicaraguense Gioconda Belli. A novela narra a história de uma mulher que se envolve com a Revolução Sandinista,

¹ Rosamaria Giatti Carneiro é mãe, feminista, antropóloga, professora associada no Departamento de Saúde Coletiva da UnB e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas também da UnB. É co-coordenadora do laboratório de pesquisa CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva da UnB). Coordenou o Projeto de Extensão “Mulheres latinas fazerm arte” na Universidade de Brasília. Pesquisa e se interessa pelo campo dos direitos sexuais e reprodutivos, políticas públicas, maternagem, movimentos de mulheres e leituras femininas e feministas das Américas. email: rosacarneiro@unb.br

mas também paralelamente a de Naranjo, uma árvore que parece ter vida espiritual e simbolizar a resistência indígena aos colonizadores espanhóis. Suas páginas nos remetem ao universo feminino naquele momento, suas relações com o corpo, com uma revolução social, luta armada, mas também a uma cosmologia indígena que alicerça o vivido, ainda que em outros tempos. Com isso, a sensação é de que a obra se passa em dois tempos de um mesmo, mas, ao meu ver, em um entre-tempos. Uma mulher e a terra. Uma mulher habitada antes de mais nada por si mesma, assim como a terra foi e é habitada ancestralmente e de onde brotam vidas e modos de existência.

Começamos o curso com literatura, pois Gioconda Belli por meio da ficção biográfica nos conta muito de si, da Nicarágua e da vida social das mulheres centro-americanas. Depois dela nos dedicamos a conhecer e a nos conectar com muitas outras autoras argentinas, bolivianas, colombianas, guatemaltecas e brasileiras; com escritoras negras e indígenas e de diferentes gerações, na tentativa de tornar o nosso pensamento social sobre a América Latina o mais interseccional possível. Foi dessa minha experiência, enquanto docente, feminista brasileira e latino-americana, bem como estudiosa das questões de gênero que surgiu o desejo de organizar um dossiê sobre o pensamento feminino a respeito das Américas e, assim, contribuir para a visibilidade desse conhecimento em território brasileiro e latino-americano. Por isso, procurei por Ana Gretel Echazú, uma antropóloga argentina radicada no Brasil e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e por Mónica Cejas uma mexicana nascida na Argentina, docente da Universidade Autónoma Metropolitana-Xochimilco, na cidade do México. Para falarmos e pensarmos de diferentes lugares geográficos, a partir de nossos próprios corpos e experiências, mas também no encalço de buscar por horizontes e premissas que nos unam, que nos façam entender uma às outras, na diferença, mas também em supostas unidades. Foi então que, de nossos diálogos, despontou o objetivo de agregarmos artigos, entrevistas, traduções e ensaios visuais ancorados ou que ilustrassem um “pensamento encarnado” ou, ainda, uma espécie de “genealogia de si”, do vivido por dentro das carnes e das entranhas e que nos remetesse às experiências de vida das mulheres e do mundo ao seu redor.

Yurdekys Espinosa Miñoso (2019) se opõe radicalmente a uma ideia de feminismo latino-americano, haja vista entender que desse modo reproduzimos a colonialidade do saber, ao nos ampararmos em noções eurocentradas de identidade e de universalidade das experiências femininas. Ao seus olhos, a “genealogia da experiência” é o caminho crítico para tal armadilha, cotidianamente replicada no interior dos feminismos. Fazer uma “genealogia da experiência” significa inventariar a si mesma, fazer da própria vida e do

cotidiano um arquivo de fatos, imagens, ideias, corpos, sonhos e vivências, que muito mais pluralizam e pontuam as diferenças entre as mulheres latino-americanas do que as faz homogêneas. Essa ideia de uma “genealogia da experiência” me faz muito sentido, pois a tomo como a possibilidade do pensamento encarnado. Sobre o seu próprio caminhar e sobre esses modos de lermos o mundo, a filósofa nos conta:

Construí mi archivo con las notas de las reuniones a las que acudí, las actividades que ayudé a organizar, las discusiones de las que fui parte, las reflexiones que de allí surgieron y que se acumulan en ensayos, notas, artículos publicados e inéditos. Con las mil y una historias que guardo en la memoria y de las que he sido testigo participante o no, pero que he escuchado en diferentes versiones por parte de quienes allí estuvieron. Hay también una memoria corporal y visual que acompaña los discursos, sensaciones de alegría, de dolor, de victoria o de derrota, de expectación, incredulidad o certezas. En síntesis, me he propuesto construir y proponer la posibilidad de hacer una genealogía de la experiencia del feminismo en América Latina. Usar la propia experiencia como documento sustancial y fundamental de mi archivo y acudir, a modo de corroboración, a otras fuentes: artículos, ensayos, grabaciones en video y en audio, fotografías producidas por otras activistas y pensadoras que también han sido parte de este recorrer y transitar por el feminismo en América Latina durante el tiempo que me ha tocado vivir y que intento documentar. (Miñoso, 2019, p. 2017)

Teresinha Pereira da Silva, ou Dona Teka Potyguara, como ela mesma se apresenta, uma mulher indígena da Serra das Matas no Ceará, no Nordeste do Brasil, que entrevistamos para o presente dossiê, em um momento de nosso diálogo, se recordou de quando criança na escola dos branco usava a palavra “encarnado”. Ana Gretel lhe perguntou o que significava “encarnado” e ela nos respondeu: “o que é vermelho, vermelho como o sangue, aquilo que tem dentro da gente, as nossas carnes”. Essa é a ideia dessa compilação de trabalhos, alinhar escritos encarnados, produzidos através do que sentem e sentiram as mulheres em suas vísceras. Não para criar uma outra teoria canônica do pensamento social latino-americano, mas para provocá-lo em sua suposta homogeneidade à luz de genealogias de si e de experiências. Sanando assim, em alguma medida, a miopia persistente que mencionamos ao iniciar esta introdução; para além de também pontuar a parcialidade e a situacionalidade dos saberes e dos fazeres.

Gostaria por último de salientar que, tendo tais intenções, não ao acaso diversificamos os tipos de produções intelectuais aqui compendiadas. Por essa razão, além dos artigos recebidos por meio de uma chamada pública para textos afins do dossiê, temos também um ensaio fotográfico; duas entrevistas realizadas e três traduções de textos escritos por feministas latino-americanas. O ensaio nos coloca diante da arte e de seu idioma, nos desaloja de um conhecimento acadêmico padrão e fala por si só, tocando-nos. As entrevistas foram realizadas em duetos, com feministas de gerações e de lugares diferentes, com o intuito de tomarmos contato com seu olhar e com as suas transformações e prioridades ao longo do

tempo. Uma delas conta com duas gerações de feministas brancas acadêmicas e a outra com duas mulheres indígenas brasileiras, também de duas gerações. Na primeira delas, estivemos com Breny Mendonza, feminista nascida em Honduras que vive nos Estados Unidos, cujos estudos se debruçam sobre os feminismos, a teoria queer e debate sobre o imperialismo, e com Karina Ochoa Muñoz, nascida na cidade do Méxio e feminista alinhada a perspectiva dos feminismos descoloniais. Na segunda entrevista conversamos com Dona Teka e Marlúcia, duas mulheres indígenas potiguaras da região de Serra das Matas, no Ceará; sobre sua vida na aldeia e na transição entre-mundos.

As traduções foram feitas do português para o espanhol e do inglês para o português para que os escritos de Lélia Gonzalez e Aurora Levins Morales fossem conhecidos em outros lugares e em outros idiomas. O dossiê contou ainda com a importante participação da artista plástica Sara Maria Silva de Oliveira que ilustrou suas portadas e sessões a partir de imagens reais das entrevistadas, de suas histórias, vidas e fatos; mas também dos temas abordados e da teoria que nos inspirou a pensá-lo, fazendo de suas páginas também uma obra de arte: mais uma genealogia da experiência feminina.

Trasvasijando Desejos

Por Ana Gretel Echazú Böschemeier²

O presente dossiê pode ser lido como um conjunto de escritos, imagens, relatos, lembranças, devires teórico-metodológicos composto por tecidos densos de relações de aliança e afeto entre países, militâncias, etnicidades e comunidades dentro da nossa Abya Yala³/América Ladina⁴. Ele não tem nenhuma pretensão de se assumir como um todo coerente e sólido, porque assumimo-nos constituídas por brechas, complexidades, habitares e trânsitos entre-mundos nem sempre harmônicos ou sinérgicos. Partilhamos o encarnado, e essa visceralidade nos constitui.

² Ana Gretel Echazú Böschemeier é mãe, feminista, professora adjunta do Departamento de Antropologia/PPGAS/UFRN, tradutora no Projeto ReCânone/UFRN e pesquisadora do CNPQ. Faz parte da rede *Feminismos, Cultura y Poder*, é embaixadora do Movimento *Parent in Science*, integra a comissão avaliadora do *II Ciclo de Ações Antirracistas* da UNESCO/UNTREF e o Comitê Central de Ética em Pesquisa da UFRN. Atua nas áreas de Pluralismo Epistêmico, Direitos Humanos, Interseccionalidades, Feminismos do Sul, Descolonização, Ética e Saúde Coletiva. Email: gretigre@gmail.com

³ Entendemos Abya Yala como aquela comunidade ancestral que renomeia América Latina sob a perspectiva dos movimentos indígenas da região (Escalante, 2014)

⁴ América Ladina é um conceito usado por Lélia González (1988) para se referir à América Latina sob uma perspectiva afrodiaspórica e indígena.

Somos filhas de um colonialoceno (Echazú Böschemeier, Greco e Quispe-Agnoli, 2021) que não impacta de maneira equânime nos nossos corpos. Pertencimentos raciais, sexualidades diversas, vínculos de maternagem e cuidado, territórios múltiplos, idades e lugares de classe desiguais nos atravessam. Existimos na entrecultura (Berkin, 2007), escrevivendo (Evaristo, 2016) e posicionando nossas vozes entre o espaço acadêmico e os territórios de diversos ativismos. Apoiamo-nos no nosso standpoint, nosso lugar de fala desde o qual emerge e encarna a experiência (Ribeiro, 2017) de nossa escrita, ensino, pesquisa e militâncias. Avançamos no *trajín*, no ir e vir de destrinchar violências coloniais (Rivera Cusicanqui, 2010). Ah, quem soubesse tecer alianças como as bordadeiras deste dossiê, quem soubesse encarnar a pesquisa como as mulheres indígenas de luta que compõem os materiais apresentados! Pulsamos práticas micropolíticas do afeto. *Trasvasijamos* desejos.

Aprendi a prática do *trasvasijar* junto às mulheres camponesas e indígenas com as quais me criei, nos Andes do norte da Argentina. Quando uma bebida era preparada em uma panela maior, ela precisava ser *trasvasijada* para outros recipientes para poder ser redistribuída no grupo. Era assim com o *mate cocido* [chá mate] no café da manhã na nossa escola de montanha, ou com o *anchi* [bebida feita com milho, limão e canela] da sobremesa e mesmo com a *chicha* [fermentado alcoólico feito com milho] que se fazia nas festas: as mulheres, ativas em cada processo de dar, receber e devolver, dominavam a arte do *trasvasijar*. Décadas depois, conheci os vendedores de sábila [*Aloe vera*] quente nas ruas de Lima, milhares de quilômetros ao norte da minha terra: o mesmo tom andino trouxe-me a arte prática do *trasvasijar*, que se realizava à vista de todes e em pleno espaço público urbano. A qualidade e precisão de quem jogava um líquido de um recipiente para o outro era atração de adultes e crianças, locais e turistas, que interessavam-se pelo espetáculo e depois pela bebida que era jogada entre uma jarra e outra como um lábil jato de borracha. Após uma série de movimentos certos, a bebida servia-se morna com limão ou em combinação com ervas medicinais.

O que é fluido é contido por recipientes diversos, mudando de forma. E não se trata de reinventar uma dicotomia entre estrutura e forma à la Lévi Strauss: se trata de perceber a agência das nossas mãos no processo de colocar um líquido de uma vasilha à outra. Se escrever já é traduzir (Nossack, 1992), traduzir é, também, *trasvasijar*. E a tarefa de quem compila talvez seja muito semelhante à passar um material líquido entre vasilhas que, com diversos materiais, tamanhos e pertencimentos, irão se alimentar de novos fluidos. Nessa ontologia, quem faz o *trasvasije* pode também virar vasilha, pote, balde, copo, constelação (Krenak, 2020). E quem recebe, pode também agenciar trânsitos, peregrinações (Lugones,

2003), no sentido menos religioso e mais espiritual do termo (Marcos, 2019). Não há possibilidade de estancamento se há a ação de *trasvasijar*: acontece o movimento, se agenciam conexões, se mobilizam afetos que, fluindo, venham preencher espaços de identidades únicas confinadas a qualquer forma de isolamento.

A pandemia da COVID-19 têm nos deixado exaustes, à beira da sobrevivência, engolidas pela tecnocracia que nos digeriu, mas que não temos digerido. Deixou também uma seqüela de intensificação necropolítica resultante em dezenas de milhares de mortos e mortas (Mbembe, 2016) nos nossos territórios de pertencimento - nacionais, continentais, do Sul Global, planetários. Escancarou desigualdades e potenciou o epistemicídio, o genocídio e o etnocídio de sujeitos subalternes (Spivak, 2010) com a força que só um capital racializado, eugenista, aliado a um vírus em um planeta em crise, pode conseguir. Contudo, esperamos. Nas colagens de Sara Maria Oliveira contamos com o olhar de uma mulher negra do sertão nordestino, estudante universitária da carreira de história e estudiosa e participante sensível das formas e potência que habitam os corpos deste dossiê. Lucrecia Greco, mãe, migrante, mulher branca e pessoa em trânsito, relata junto com Paulina Andrea Dagnino Ojeda descontinuidades radicais a partir desse órgão extenso que nos recobre inteiramente: a pele, e propõe um ensaio fotográfico visibilizando texturas da gravidez gemelar em ambientes elementares de barro e água.

“Tem uma hora na qual traduzir um livro aparece como sendo uma tarefa mais urgente do que escrevê-lo”, coloca Erich Nossack (1992: 228, tradução nossa). As traduções foram trazidas por demandas de leitura que partiram dos dois lados da linha de Tordesilhas, aquela que até hoje colonialmente nos separa entre comunidades hispanofalantes e lusofalantes. A partir destas demandas, três textos foram traduzidos: “A categoria político-cultural de Amefricanidade” (1988) e “Lélia fala de Lélia” (1980), ambos da ativista e psicanalista brasileira Lélia González. No primeiro trabalho, Lélia González dedica-se a comentar em primeira pessoa o próprio percurso vital, desafios, dilemas e resistências. O percurso para a tradução deste artigo iniciou-se a partir de uma articulação de Rosamaria Carneiro: ela entrou em contato com o filho de Lélia, que detém hoje os direitos sobre sua obra. A gentileza dele nos permitiu contar não somente com a autorização para a tradução do texto do português para o espanhol e sua publicação, mas também com a possibilidade de publicarmos uma fotografia da saudosa Lélia González.

O terceiro texto traduzido para o presente dossiê é “Intelectual orgânica certificada” (1989), da escritora porto riquenha, judia e migrante Aurora Levins Morales, quem fez parte do grupo de intelectuais latinas ativas na construção do feminismo chicano/mestiço/latino-

americano nos Estados Unidos da década de 1980 junto com Gloria Anzaldúa, Cherrie Moraga, Anita Valerio e, mais recentemente, Maria Lugones. O itinerário para a obtenção da tradução do artigo iniciou-se com uma conversa via facebook com a autora - que está morando novamente em Puerto Rico após décadas de vida nos Estados Unidos - quem gentilmente aceitou nosso pedido e fez uma primeira interlocução com a editorial Duke University Press, onde o ensaio fora inicialmente publicado. Após um tempo que não se alongou mais de dois meses, a editora enviou o termo formal autorizando a tradução e publicação do ensaio no dossiê. Além disso, Aurora Levins Morales nos cedeu via email, amorosamente, alguns retratos dela para compor os materiais gráfico-artisticos da presente publicação.

Há também traduções incorporadas na entrevista que Teresinha Pereira da Silva, Teka Potyguara e Dona Marlúcia Potyguara cederam para o dossiê. Lá, as colonialidades impostas pelo espanhol e pelo português se dissolvem temporalmente para darem lugar a cânticos de força, territorialidade e bons augúrios performados por dona Teka em Nheengatú (variação do tupí que está sendo recuperada na retomada linguística de comunidades indígenas do nordeste do Brasil), cuja grafia foi revisada depois por Diego Akanguasú, indígena e estudioso das línguas ancestrais residente em Rio Grande do Norte.

As traduções dos textos das autoras Lélia González e Aurora Levins Morales foram realizadas por mim, que me identifico como feminista interseccional, argentino-brasileira, mulher branca *cuír*/queer, mãe solo e migrante. Compreendo a branquitude deste lugar de fala como uma dimensão central das possibilidades destas traduções que assume, assim, suas próprias limitações no que diz respeito à *transvivência* performada nos textos de mulheres negras traduzidos por mulheres negras, ou de mulheres indígenas traduzidos por mulheres indígenas (Sousa Araújo *et al*, 2019). A metodologia tradutória empregada neste dossiê se sustenta em trabalhos anteriores dentro do projeto de extensão universitária ReCânone, na Universidade Federal de Rio Grande do Norte (Erickson e Echazú Böschemeier, 2021), e se inspira na proposta do encontro de saberes (Carvalho, 2018), nas interseccionalidades (Crenshaw, 1991) e nas práticas tradutórias de um feminismo descolonizador, situado no Sul Global (Echazú Böschemeier *et al*, 2020). Em consonância com as *políticas da tradução* da intelectual indiana Gayatri Spivak, compreendemos que “a tarefa da tradutora feminista é considerar a linguagem como uma pista para o funcionamento da agência com enfoque no gênero” (2000: 398), desde uma perspectiva ativa e situada, que incorpore interlocuções e interpretações densas (Appiah, 2000) e que, ao fazê-lo, questione a ordenação falolodocêntrica e colonial do mundo. O contexto das traduções-ponte, que são também

trasvasijes é multilinguístico, multicultural é constituído por experiências de trânsito pessoais e vinculares.

Por sua vez, os dois textos de Lélia González aqui traduzidos foram revisados por Mónica Cejas, Eva Maria Lucumi e Samara Mendes e comentados por Carine Jesus Santos. Já no caso do ensaio de Aurora Levins Morales, a tradução foi revisada por Rosamaria Carneiro e comentada por mim. Esperamos que as ideias, afetos e propostas destes textos possam fluir, mudar de forma e serem reencarnados em outras pessoas, mulheres, pessoas trans e sujeitos não binários, que queiram continuar a *trasvasijar* sentipensares dentro de suas próprias constelações de afeto. Nada vai ser desperdiçado: se algumas gotas desta afet-ação caírem fora das vasilhas, é a Pachamama que pegou para beber.

Por Mónica Inés Cejas⁵

Como todo proyecto hasta que se realiza, que es precisamente este momento, un dossier tiene sus momentos. En mi caso particular, y quisiera con esto invitar a experimentar el mismo goce, “Genealogías de un pensamiento femenino latinoamericano encarnado” es algo así como un viaje, de esos que planeas con la alegría de la que habla nuestra convocatoria “por encontrarnos con la ilusión/el deseo de contribuir, mediante diálogos que susciten el proceso de integración de este dossier, a la discusión sobre la producción de conocimiento e intervención de las mujeres en y sobre América Latina/Nuestra América/Abya Yala”. Sí, así empezamos a planear un viaje donde la hoja de ruta no escogiese desvíos por falta de conexiones (por ejemplo, ante las diferencias lingüísticas o derivadas de los cánones teóricos y metodológicos que dominan la academia) sino que viese más bien, cómo crearlas. Las traducciones fueron entonces, metodología del encuentro, de indagar de otra manera por el nosotras situado desde nuestras diversidades. En el camino llegó Lélia Gonzalez a hablarnos del *pretugués* como una lengua nuestra y a explicarnos por qué lo es, con un lenguaje diferente, a su manera, una manera que se volvió Nuestra, una de las tantas de *América ladina*.

Tampoco pretendimos un circuito turístico donde todo estuviese resuelto, más bien se trataba, participando en la convocatoria, de sorprendernos con los posibles recorridos.

⁵ Mónica Inés Cejas, nacida en Argentina, estudió en México y Japón. Vive y trabaja en México (UAM-X, Estudios de la Mujer y Feministas). Desde allí trata de establecer vínculos desde el *Sur* en torno a las luchas de las mujeres. Está particularmente interesada en la intersección de género, nación y ciudadanía, las políticas de la memoria y los feminismos en África (especialmente en la historia y la actualidad de Sudáfrica). Los estudios culturales y feministas son la fuente de estas reflexiones. E-mail: mcej@correo.xoc.uam.mx

Frente a nosotras se presentaba la inmensa e inconmesurable extensión -temporal y espacial- de nuestro continente, al que proponíamos recorrer de *otro modo*, identificando a un pensamiento femenino/feminista, en un viaje que se quería colectivo, hacedor de (*común*)unidad, reconociendo y reconociéndonos en ese andar de la mano de otras mujeres, contemporáneas y de otros tiempos.

La condición estructural de una realidad marcada por el capitalismo neoliberal reproductor y perpetuador de la colonialidad en sus múltiples expresiones, aparece una y otra vez en nuestro camino de la voz de estas mujeres y enfrentada desde sus luchas y organizaciones.

Viniendo las tres de diversas (de)formaciones disciplinarias, decidimos indisciplinarnos para crear las condiciones que posibilitasen este viaje. Así, para esta propuesta, la epistemología se sitúa en un lugar diferente, ubicándola en las vidas y los proyectos de mujeres a quienes [y sobre quienes] invitamos a reflexionar sobre su pensamiento encarnado en un territorio habitado con todo lo que eso implica en términos interseccionales, y que lo hagan teniendo en mente a otras mujeres - es decir, que diseñen su propia genealogía para encarnar y habitar su tiempo y lugar y traducirlo en un pensamiento propio. Esta fue la fórmula que hallamos, el boleto para el viaje colectivo.

Las genealogías, los escritos de sí, en y sobre un territorio habitado, con la dimensión política que esto implica, fueron, son, nuestra estrategia para trazar nuevos caminos y es así que en esos andares y mediante las contribuciones a este dossier encontramos-presentamos-descubrimos-abrazamos y nos emocionamos con Teka Potiguara y Marlúcia Potiguara del Movimento Potigatapuia; con Celina Rodríguez Molina; Aurora Levins Morales; Josefa Avelino; Carolina María de Jesus; Lélia Gonzalez; Brenda Lee, Karina Ochoa; Breny Mendoza y María Teresa Garzón Martínez.

Pero también lo hacemos con las autoras de los textos Nuria Calafell Sala, Yamila Balbuena, Karla Souza, Luan de Oliveira, Maria Betânia Torres y Raquel Valadares; con la autora de los collages Sara Maria Oliveira, y del ensayo fotográfico, Lucrecia Greco y Paulina Andrea Dagnino Ojeda, quienes nos comparten “sus propias construcciones metodológicas, teóricas y genealógicas encarnadas a partir de sus propias experiencias y trayectorias de vida, investigación, enseñanza y/o activismo”. Las metodologías resultantes y los andares que posibilitan enriquecen el viaje, abren el panorama de derroteros posibles y develan un saber “hacer, caminar y narrar” -como señala Yamila Balbuena en este dossier- acumulado que la colonialidad del poder y del saber con su impronta patriarcal, intentó/intenta mantener oculto o menospreciado.

Cada una de estas mujeres conecta, implica, nos lleva, a un colectivo, a lo comunitario y esto es lo rico también de este viaje y sus posibilidades.

Algunos verbos que marcan la acción de estas mujeres, las traducciones de su hacer, que cual gasolina alimentan este viaje son: narrar, militar, bordar, comunicar, informar, denunciar, reciclar, sanar, historizar genealogías ... luchar de variadas maneras, redefiniendo que se entiende por “lucha” si la protagonizan las mujeres -y con esto la misma interseccionalidad cambia sus sentidos políticos-. Los instrumentos son tan variados como la condición bipolar e hilo y aguja, el cuaderno de campo, el diario, la fotografía, el diálogo, los ejercicios de autoetnografía y memoria, y la palabra, la escritura... ¡Iniciemos el viaje!

El artículo de Karlla Souza, Luan de Oliveira e Maria Betânia Torres: “Feminismo comunitário do sul: lutas, territórios e res-existências das catadoras de lixo no município de Mossoró/RN/Brasil” es un potente llamado para hacer oír la voz de las subalternas ante la injusticia epistémica y develar las lógicas de economía de vida que subyacen en sus estrategias de acción política. Apoyada en largos años de trabajo de campo y diálogo con “mulheres negras, pobres, periféricas, mães, desempregadas, donas da economia do lar, que resistem diariamente nas ruas, vivendo das sobras, às sombras do modo de produção capitalista” y recurriendo epistemologías feministas negras y comunitarias así como el ecofeminismo y el feminismo descolonial, Karlla nos introduce en las vidas y *re-existencias* de las mujeres recolectoras de materiales reciclables bajo el liderazgo de Josefa Avelino, presidenta de la Associação Comunitária Reciclando para a Vida (ACREVI) -un “territorio vivo” como la autora lo define- en Mossoró, la segunda ciudad del Estado de Río Grande en Brasil.

Renato de Oliveira Dering, en el artículo “Brenda Lee: la lucha y representación de mujeres trans en Brasil”, nos propone adentrarnos en las relaciones entre el Estado y sectores de la población cuya vulnerabilidad, junto a las muchas violencias de que son víctimas, se hizo evidente ante una de las enfermedades infecciosas más devastadoras: el SIDA, sobre todo durante los años ochenta y noventa del siglo pasado. Y lo hace escogiendo el tono ensayístico para presentarnos a un personaje clave en la defensa, atención y protección de travestis marginalizadas víctimas del VIH-SIDA y ante todo de la falta de reconocimiento del Estado brasileño de este sector de su población: la activista transexual Brenda Lee. Frente a las políticas de borramiento y subalternización de estos sectores de la población, las casas de apoyo promovidas por Brenda entre otras tantas acciones, pusieron al descubierto estas formas de violencia, invisibilización y subalternización de sectores de la población como parte de las dinámicas patriarcales y heterosexuales del Estado-nación.

¿Cómo se materializa el activismo en mujeres con quienes identificamos nuestro devenir feminista? ¿Qué sentido adquiere ese activismo feminista si su esencia es su carácter interseccional? Yamila Balbuena en “Activismos feministas interseccionales en la lucha por el aborto legal en la Argentina”, nos presenta a ese activismo encarnado mediante lo que ella define como “poética del vínculo entre mujeres” en la vida de dos de ellas: la suya propia y la de Celina Rodríguez Molina. La lucha por el aborto legal en Argentina, y en específico en la ciudad de La Plata, es la coordinada temporal y espacial que habilita esa poética del vínculo para hablar de la militancia de base, autónoma e interseccional, historizándola, situándola de modo encarnado. En su relato, la genealogía es impensable en singular, se trata de genealogías porque la lucha es ante todo interseccional, así lo requiere el mismo contexto y sus vicisitudes ancladas en la realidad estructural argentina donde la lucha por el aborto legal se imbrica con muchas otras que cruzan las vidas de mujeres como Celina, de “itinerario múltiple... [con] una ética política feminista, que en el decir popular se resume en “poner el cuerpo”.

La producción social del espacio es crítica y bellamente expuesta por Raquel Valadares en “O Quarto de Carolina: o gênero, a moradia e os direitos sociais em *Quarto de Despejo*”, mediante los diarios de Carolina Maria de Jesus publicados en *Quarto de Despejo* donde narra su vida cotidiana marcada por las desigualdad de género, de raza y de condición socioeconómica. Este artículo nos conecta con la narrativa de esta mujer negra y pobre hecha colectiva para cuestionar políticas urbanas desde las coordenadas de género y vivienda. Hay en su escritura y pensamiento, nos dice Raquel, contribuciones teóricas que preceden a los estudios de interseccionalidad. Estamos entonces frente a etnografía urbana escrita en un lenguaje informal, cotidiano, desde la favela en un estilo que invita a “Imaginar, escrever, viver e lutar, mas jamais resignar”.

La potencialidad discursiva del bordado a partir de la propia experiencia encarnada es explorada y expuesta críticamente por Nuria Calafell Sala en “‘Femealogías’ de una práctica cotidiana: reflexiones encarnadas sobre el bordado y sus posibilidades epistemológicas”. Texto y tejido son los conceptos a partir de los cuales echa a andar una *fe(ge)nealogía* de una práctica cotidiana, donde ella misma se sitúa y con ello al contexto desde el cual aborda y teje su pensamiento. Su apuesta en este texto es presentarnos al bordado como “la manifestación de un pensamiento corporizado y geopolíticamente situado”, y también politizado mediante su presencia en el activismo y la acción social de protesta y denuncia. Cierra su artículo con el libro cosido/bordado *Coma(d)res* donde junto a otras “madres en la misma situación que yo

(cuidadoras únicas, sostenedoras de sus hogares y profesionales con más o menos salida en el mercado laboral)” reflexiona los meses de encierro durante la pandemia.

Finalmente, María Teresa Garzón Martínez en “La chava bipolar. Ensayo de genealogía de la experiencia de una feminista blanca de la Abya Yala”, nos propone una genealogía de su experiencia como feminista en Abya Yala recurriendo a la bipolaridad como condición estructural y estructurante. La autoetnografía y la biografía en clave de comedia recurriendo a la propia experiencia de vida, a la reflexión académica y a la cultura popular en un transitar por Colombia y México son su fórmula para invitarnos a reflexionar sobre lo que para ella son los ejes de la producción de conocimiento feminista descolonial: la experiencia, el conocimiento situado y las prácticas concretas. Todo esto desde un conocimiento situado y encarnado que es revisitado desde el pensamiento feminista descolonial y los estudios culturales. La suya es también una reflexión profunda sobre qué es una genealogía y para qué/quienes es vital.

*Rosamaria Carneiro, Agosto de 2021
Brasília, Distrito Federal, Centro-Oeste do Brasil*
*Ana Gretel Echazú Böschmeier, Setembro de 2021
Natal, Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil*
*Mónica Inés Cejas, Septiembre de 2021
Ciudad de México, México*

Referências Bibliográficas

APPIAH, Kwami Anthony. 2000. Thick translation. Em: Lawrence VENUTI, The translation studies reader. London: Routledge. p. 417-429.

BELLI, Gioconda. 1988. *La mujer habitada*. Iruñea: Txalaparta.

CARVALHO, José Jorge de. 2018. Encontro de Saberes: por uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, Nelson MALDONADO TORRES e Ramón GROSGOUEL (orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiásporico. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 79-106.

CORONA BERKIN, Sarah. 2007. Entre voces... fragmentos de educación entrecultural. Guadalajara: Universidade de Guadalajara.

CRENSHAW, Kimberlé. 1991. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43, p. 1241-99.

ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, Ana Gretel et al. 2020. A tradução de Zora Neale Hurston para o cânone antropológico: Práticas de extensão desde uma perspectiva feminista e interseccional. *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*, v. 13, n. 2, p. 228-254.

ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, Ana Gretel *et al.* Waman Poma de Ayala, um autor indígena do século XVII: questionando antropocentrismos no colonialoceno. Em vias de publicação, 2021.

ERICKSON, Sandra e Ana Gretel ECHAZÚ BÖSCHEMEIER. 2021. Apresentação: Zora Neale Hurston, Textos Escolhidos e Traduzidos. Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial) Ayé: Revista de Antropologia. /Colegiado de Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, v.1, n.1, p. 4-44.

ENLOE, Cynthia 2004. *The Curious Feminist. Searching for Women in a New Age of Empire*. Berkeley y Los Angeles: University of California Press.

ESCALANTE, Emilio del Valle. 2014. Self determination: a perspective from Abya Yala. 20 mai. 2014 (ESCALANTE, Emilio del Valle. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2014/05/20/self-determination-a-perspective-from-abya-yala/> Acesso em 23 mai. 2021.

ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkys. 2014. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. *El Cotidiano*, marzo-abril.
----- . Hacer genealogía de la experiencia: el método hacia una crítica a la colonialidad de la Razón feminista desde la experiencia histórica en América Latina. In: *Revista Rev. Direito Práx.* Rio de Janeiro, Vol. 10, N.03, 2019 p. 2007-2032. DOI: 10.1590/2179-8966/2019/43881| ISSN: 2179-8966

EVARISTO, Conceição. 2016. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza.

GONZÁLEZ, Lélia. 2021 [1988]. A categoria político-cultural de Amefricanidade. Em: Flávia RIOS e Márcia LIMA, *Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 115-125.

KRENAK, Ailton. 2020. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras.

LEVINS MORALES, Aurora. 2019. *Certified Organic Intellectual*. Em: *Medicine Stories. Essays for Radicals*. North Carolina: Duke University Press. pp. 121-126

LUGONES, María. 2003. *Pilgrimages/Peregrinajes: Theorizing Coalition against Multiple Oppressions*, Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

MARCOS, Silvia. 2019. Espiritualidad indígena y feminismos descoloniales. In: Ochoa Muñoz, Karina (org.), *Miradas en torno al problema colonial - pensamiento anticolonial y feminismos descoloniales en los sures globales*. Cidade do México: Akal. p. 119-113.

MBEMBE, Achille. 2018. *Necropolítica*. 3a. ed. São Paulo: n-1 edições.

NOSSACK, Hans Erich. 1992. Translating and being translated. Em: Rainer SCHULTE e John BIGUENET, Theories of translation. An anthology of essays from Dryden to Derrida. Chicago: University of Chicago Press.

RIBEIRO, Djamila. 2017. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento/Justificando.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. 2019. “Temos que produzir pensamento a partir do cotidiano”. Entrevista. Em: <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2019/03/08/bolivia-silvia-rivera-cusicanqui-temos-que-produzir-pensamento-a-partir-do-cotidiano/>. Acesso em 20-06-2020.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. 2010. Violencias (re)encubiertas en Bolivia. La Paz: Editorial Piedra Rota.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. 2010. Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. Pinturas. 80 pp.

SOUSA ARAÚJO, Cibele *et al.* 2019. Apresentação do Dossiê “Estudos da Tradução & Mulheres Negras à luz do deminismo”. Em: Revista Ártemis, vol. XXVII nº 1; jan-jun. p. 2-13.

SPIVAK, Gayatri Chakravorti. 2000. The politics of translation. Em: Lawrence VENUTI, The translation studies reader. London: Routledge. pp. 397-416.

SPIVAK, Gayatri Chakravorti. [1988] 2010. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG.